

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

LAURA QUADROS ALVES

MEMÓRIAS EM DIÁLOGO: O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE A ESCOLA

**CRICIÚMA
2023**

LAURA QUADROS ALVES

MEMÓRIAS EM DIÁLOGO: O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE A ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Angélica Neumaier

CRICIÚMA

2023

LAURA QUADROS ALVES

MEMÓRIAS EM DIÁLOGO: O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE A ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC

Criciúma, 24 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Angélica Neumaier - Mestra - (UNESC) - Orientadora

Prof^ª. Odete Angelina Calderan - Mestra - (UFSM)

Prof^ª. Ma. Cintia Gonçalves Martins - Mestra - (UNESC)

Dedico estas palavras à dança das lembranças, às risadas da infância e aos abraços apertados.

AGRADECIMENTOS

Esse texto é de um modo muito especial, um espaço onde quero deixar meus mais sinceros agradecimentos às duas mulheres que sempre acreditaram em mim e nos meus sonhos: Fernanda da Silva Quadros e Francisca da Silva Quadros, minha mãe e minha avó, maravilhosas e amorosas em tudo que fazem, me apoiaram e incentivaram sempre. Para sempre serei grata.

Viver todas as fases da graduação até agora me faz pensar em quantas pessoas estiveram presentes nos momentos bons e ruins. Às que estiveram nos momentos bons, gostaria de agradecer a leveza e a energia positiva que irradiaram. Às que estiveram em momentos de dificuldade, gostaria de agradecer ao afeto e as palavras certas que ouvi por todo o caminho. Essas pessoas, principalmente essas, não me deixaram desistir.

À todas as minhas professoras e professores da graduação, principalmente à minha orientadora Angelica Neumaier, que foi exatamente o que eu precisava para essa conclusão, uma pessoa atenciosa e de um coração gigante, uma artista e pesquisadora incrível que tem minha total admiração; mas também às professoras que encontrei nessa jornada acadêmica, que não me deixaram esquecer o motivo das noites em claro e de toda a minha dedicação a estudos sobre arte, escola e educação, agradeço fortemente a inspiração que vocês foram em minha vida.

Agradeço aos meus colegas da oitava fase, que falam tanto quanto eu e que fizeram a experiência universitária muito mais divertida e empolgante. Por todos os lanches e cafezinhos, por todos os trabalhos em grupo e fofquinhas na praça do bloco Z, vocês moram em uma parte especial do meu coração, obrigada por viver a universidade comigo.

“Lembrar não é reviver, mas refazer. É uma reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento”.

Ecléa Bosi

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso está inserido na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) e apresenta como objetivo geral compreender o papel da comunidade na escola e o papel da escola na comunidade como transformação social. Utilizou-se da metodologia de abordagem qualitativa, com pesquisa de campo através da realização de um questionário com uma ex-diretora e ex-alunos da EMEB Pascoal Meller, do bairro Santa Augusta, em Criciúma, SC. Pensando em todas as possibilidades de pesquisa uso a pergunta norteadora: Qual o olhar da escola sobre a comunidade? E qual o olhar da comunidade sobre a escola? A pesquisa foi dividida em capítulos trazendo autores: sobre memória (BOSI, 1994), (CANTON, 2009), (HALBWACHS, 1956), sobre arte (CANTON, 2009), (FISCHER, 1959), sobre pesquisa (CRESWELL, 2007) (ALVAREZ e PASSOS, 2015) e sobre escola (LARROSA, 2018). A metodologia utilizada foi uma pesquisa cartográfica e de campo com uma abordagem qualitativa, com entrevistas com uma ex-diretora e ex-alunos da escola. A pesquisa concluiu que a escola é um local de memórias, histórias e aprendizado que ultrapassam as paredes da sala de aula e permanece viva na memória e na vida de sua comunidade.

Palavras-chave: Escola. Comunidade escolar. Memórias. Ensino de artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Visão da EEMF Pascoal Meller	20
Figura 2 - Primeira construção da escola Pascoal Meller	21
Figura 3 - Desfile cívico do Grupo Escolar Pascoal Meller	23
Figura 4 - Ato cívico em frente a EMEF Pascoal Meller	24
Figura 5 - Professora Lucíola na antiga sala de artes	25
Figura 6 - Alunos na antiga quadra da escola	30
Figura 7 - Ampliação e revitalização das salas de aula e quadra da escola	31
Figura 8 - Primeira construção de alvenaria para cede do Grupo Escolar Pascoal Meller	32
Figura 9 - Matéria de jornal	33
Figura 10 - À esquerda, antiga sala de artes de madeira	34
Figura11 - Primeiro aumento nas salas de aula da escola de alvenaria	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
PPP	Projeto Político Pedagógico
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	16
3	ESCOLA COMO MEMÓRIA	20
4	O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE A ESCOLA	29
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	37
6	PROJETO DE CURSO - MEMÓRIAS EM DIÁLOGO	40
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
8	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Olhar para escola como local próprio para arte, para cultura, como espaço de fala, de pesquisa, de referências... Assim vejo e sinto, e sei, e sou. Da escola nasce a comunidade, para a comunidade nasce uma escola. Conexão, desconexão, bola no pátio do vizinho, obra do vizinho na janela da escola. Aluno que mora na frente da escola, professora que mora na frente da escola, diretora que mora na frente da escola, o vizinho da escola que é marido da professora. Conexão, educação, arte, cultura, comunidade. O olhar da comunidade sobre a escola. O olhar da escola sobre a comunidade (autoria da pesquisadora).

Minha vida acadêmica iniciou-se em 2018, mais precisamente no segundo semestre, quando fui contemplada com uma bolsa de estudos. Decidi começar minha tão sonhada faculdade, e o curso escolhido foi licenciatura em Biologia. Eu não tinha certeza sobre muitas coisas, mas sabia que queria muito estar na universidade. Porém, o tempo foi passando e fui me sentindo frustrada com o curso que minha vida estava tomando, já não queria mais estudar, a Biologia não era o que eu almejava. Mas, já haviam se passado quatro semestres e eu precisava pensar em uma saída, não poderia continuar sem minha bolsa de estudos, e tive que ser rápida para poder trocar de curso. Para tomar a decisão certa desta vez, decidi trancar a faculdade por um semestre.

Durante esse tempo comecei a produzir bijuterias para aumentar minha renda, e o que era para ser temporário se transformou em um negócio e uma marca de jóias. Um rumo diferente, mas que estava me fazendo muito feliz. A ideia da faculdade continuava viva em mim, e todos os meus caminhos me levavam às artes. E assim foi (e que bom que foi).

Retomei meus estudos, dessa vez com um sentimento de pertencimento, de estar onde eu precisava estar. Segui na licenciatura, sem muitas ambições pela área, entrei pensando que me formaria e daria continuidade na formação em bacharelado. Mas, para a minha surpresa, me apaixonei pelo universo escolar e encontrei aqui (porque estou escrevendo de dentro da escola agora), e nas aulas da minha professora Sila e da professora Juliana, mulheres incríveis e inteligentes, que me inspiraram e me desafiaram a sempre pesquisar mais, sobre a magia que a arte carrega, como um trabalho de formiguinhas, que pouco a pouco, vai espalhando arte & educação dentro e fora da escola.

Foi na universidade que me encontrei como professora artista, mas foi na escola, atuando, convivendo e me conectando com a comunidade escolar, que senti que tudo é significativo tanto para mim quanto para todos ao meu redor. Estar inserida no ambiente escolar me fez perceber o quanto algumas coisas reverberam pela comunidade, as festas da família, as gincanas e ações feitas pela escola. Tudo que é feito é bem-visto, mas a escola não é só festa. Mesmo com essa integração, a distância entre escola, comunidade e sala de aula, ainda existe.

Sinto que às vezes os professores não conseguem conectar a sala de aula com a comunidade. Minha inquietação sobre esse assunto se estendeu por muitas das minhas pesquisas ao longo da graduação, me fazendo estudar e avaliar os cenários onde as escolas estão inseridas, me voltando totalmente para escolas públicas, onde atuei nos meus estágios obrigatórios, e em projeto de extensão.

Pensando em todas as possibilidades de pesquisa uso a pergunta norteadora: Qual o olhar da escola sobre a comunidade e qual o olhar da comunidade sobre a escola? Viver a comunidade escolar é uma experiência mágica para mim. Conhecer cada aluno, e reconhecer neles: sonhos, vidas, medos, personalidades, entender seu tempo, seu ritmo, realidade social, traumas e seus anseios.

Essa é a realidade em que vivo em uma escola que trabalhei como monitora, que ficava no bairro onde eu morei enquanto estagiava lá, e se tornou meu objeto de pesquisa. A EMEB Pascoal Meller é uma escola de periferia, todos aqui se conhecem, muitas gerações já passaram por ela, e muitas das famílias ainda vivem no bairro em torno da escola. Mas algo me chamou atenção, existe uma cultura que cerca aquela comunidade: quando a aula de artes acaba, os alunos vão para casa, as serventes limpam a sala, os pais organizam suas mochilas, e guardam ou simplesmente descartam suas produções.

Nem sempre existe uma apropriação do conhecimento, e por vezes se torna insignificante, um movimento artístico, que teria tanto a somar na vida de toda a comunidade escolar, serventes, gestão, professores de outras disciplinas... em casa na vida dos pais, da família e comunidade.

Passar pelos estágios obrigatórios, tão desafiadores e cheios de ensinamentos, me construiu e trouxe mais sentido à vida docente.

Escrever sobre minha trajetória acadêmica e lembrando esses anos de pesquisas, as rodas de conversa, as pausas para um cafezinho com meus colegas

que se tornaram amigos e que quero levar para a vida toda, me emociona e ficará registrado para sempre em uma parte muito especial da minha memória. “A primeira turma de licenciatura a expor como artistas na Edi Balod” Das muitas experiências vividas na faculdade, expor na Sala Edi Balod – Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais da UNESC, foi a mais significativa que eu poderia ter vivenciado na graduação.

Por muitas vezes a vida docente me afastou das produções artísticas, e eu só me dava conta de que não estava criando, quando a falta virava um incômodo.

A vida acadêmica entre ser pesquisadora, professora e artista, muitas vezes exaustiva, me fez achar que precisava viver tudo separadamente, e só após ser atravessada pela experiência, as falas e o autorreconhecimento de que tudo está conectado, me sinto livre para ser todas as coisas ao mesmo tempo. E é esse sentimento que me instiga a querer expandir a sala de aula para toda a escola e a comunidade, e assim tornar significativa a existência da escola, que não pode ser apenas um depósito de crianças de meio período.

Eu almejo ver a servente admirando uma produção exposta dentro da sala de aula, o pai que vai levar seu filho para a escola, parar, olhar e entender o motivo de ter uma pintura no hall de entrada, e mais do que isso, que ele sinta e considere interessante comentar em casa e com a comunidade sobre temas que são trabalhados na escola.

Quero um dia, falar com seriedade sobre temas da comunidade, dentro da sala de aula, e sentir que os alunos realmente se interessam e se sintam inseridos no assunto. Mas principalmente, que a escola na sua totalidade, seja vista como educativa, não só entre as quatro paredes de cada sala.

Que a cozinha seja motivo de aprender, que a secretaria seja mais do que gestão, seja espaço de aprendizado para os alunos e comunidade. Falar dos meus sonhos, é falar de tudo que aprendi a amar dentro da vida acadêmica, dos horizontes que hoje são mais amplos e seguem assim como o universo, em expansão!

É preciso compreender não somente a pessoa que conta o relato, mas todas as suas versões que vieram antes. Cada acontecimento e sentimento lembrado, vem de vivências, passados e pessoas que veem a história com seu próprio filtro, trazendo afetos e desafetos para essa releitura da memória.

Refletindo nos meus próprios prismas, costuro junto do livro *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*, da autora Ecléa Bosi, onde encontro um caminho para questões norteadoras que darão início a perguntas que trarão consistência para a minha pesquisa.

2 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado na linha de pesquisa Arte e Educação do Curso de Artes Visuais da UNESC pretende através de entrevistas com a comunidade em torno da Escola Municipal de Ensino Básico Pascoal Meller, em Criciúma, SC, compreender a relação da escola com a comunidade e seu papel de transformação social.

A pesquisa foi realizada com uma abordagem qualitativa:

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa e sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes (CRESWELL, 2007, p.186).

No capítulo “A Experiência da Releitura”, (BOSI, 1998) fala da pessoa que relembra suas memórias, que involuntariamente altera suas percepções sobre sua lembrança, deixando de revelá-las, mas sim refazendo-as, pensando nisso, me vejo como desbravadora de um novo território, onde nem os detentores da lembrança estiveram ainda, me dedico a fazer das entrevistas um ponto de partida para acessar as mais remotas lembranças escolares dos moradores do bairro Santa Augusta, em Criciúma, Santa Catarina, trazendo seus olhares de volta para dentro dos muros da escola.

Essa “relição” do adulto com seu tempo de infância transformou a narração da própria vida em um testemunho eloquente do modo que a pessoa lembra.

Pense em como se sentia na relação com a escola, sobre seus espaços, os cheiros, a comida, o barulho. Como esse ambiente fazia você se sentir?

Assim desejo iniciar a conversa com os ex-alunos de uma forma mais ampla, acessando um lugar que a tempos não é revisitado. O sentimento que vem com o cheiro, com o som ou o sabor, fazendo reviver lembranças já adormecidas.

Como a escola está presente na sua vida hoje?

A ligação do passado com o presente cria uma ponte entre dois mundos, a mesma pessoa em momentos diferentes da vida, com suas vivências que só o tempo pode ressignificar.

O que significam esses parágrafos que se convertem em pessoas? O modo como as pessoas lembram é ao mesmo tempo: pessoal e social. Quando falamos de algo que se vivenciou em grupo, uma grande história se forma, com muitos detalhes, que reforçam a lembrança. Mas quem lembra, lembra individualmente, transformando a memória coletiva em uma recordação pessoal, onde fica apenas o que realmente tem significado.

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo as nossas ideias não são originais; foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo elas passam a ter uma história dentro da gente (BOSI, 1994, p 407).

Sob o seu olhar atual, quais mudanças podem ser destacadas entre a “nova” e a “velha” escola?

“Assim, a fim de contar essa história de modo potente, efetivo, a arte precisa ser repleta de verdade. Precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamentos, sentimentos de pessoas, tempos e espaços” (CANTON, 2009). A memória é uma construção social do coletivo, onde acontece a junção do que o outro percebe e do meu próprio olhar. Essa identificação transforma indivíduos em um grupo, falas e histórias que passam de geração em geração e nos fazem tirar nossas próprias conclusões. Como separar a velha e a nova escola? Ao perguntar isso para os ex-alunos, também me vejo com dúvidas sobre como responderia e separaria o passado do presente.

Em algum momento a escola foi além de um espaço de formação e se transformou em um lugar afetivo? Você tem lembranças positivas das suas aulas?

Bosi traz a perspectiva de Bartlett que distingue “matéria de recordação” (o que se lembra) e o “modo da recordação” (como se lembra) (BARLETT apud BOSI, 1998, p.65). Ou seja, a matéria de recordação existe pelo simples fato do interesse que o sujeito tem pela recordação, dando importância para algumas memórias mais que outras.

As lembranças mais afetuosas ou as que causaram traumas jamais serão esquecidas, a escola é uma produtora potente de memórias e sonhos. É o ponto de partida para a vida em sociedade e nos molda como pessoas da sociedade.

Enquanto aluno, você conseguia identificar arte e cultura dentro da escola? E atualmente?

Pensar a escola como espaço de cultura e arte, os fatos se afloram com o tempo, revisitando memórias adormecidas finalizo as entrevistas com uma pergunta que vai além do que já se vivenciou.

Pensando nas chances de criar uma exposição onde após essa reflexão os ex-alunos possam ressignificar suas vidas acadêmicas, olhando com mais cuidado para tudo que já experienciaram, pretendendo convidá-los a visitar itens da “antiga escola” que eles possam vir a ter em suas casas, mas também itens que estejam vivos apenas nas lembranças, como histórias e momentos marcantes.

A presente pesquisa está inserida na linha Processos, Poéticas e Educação, pois elabora relações entre a escola e a comunidade, a partir de processos de criação e linguagens no campo da educação, bem como reflexão e poéticas no campo das artes visuais. A cartografia será meu método de pesquisa por não se opor entre teoria e prática.

Pesquisar não é apenas representar o objeto ou processar informações sobre um universo supostamente já construído, é sobre envolver-me com a pesquisa, e me comprometer com a produção Cartografar é habitar um território existencial (ALVAREZ e col., 2015, p.131).

Neste percurso-pesquisa, identificam-se os seguintes processos: mapeamento da escola e da comunidade, realizando um mapeamento da escola e da comunidade, foram identificados espaços físicos, histórias, memórias e conexões existentes entre eles, registrando informações relevantes por meio de observações, entrevistas e pesquisas documentais.

Identificação de Imagens e Produções, foram identificadas as imagens, obras e produções que possuem conexão com a escola e a comunidade, podendo incluir fotografias antigas e atuais de alunos, registros de projetos artísticos, produções culturais e outros materiais que representem a relação entre arte, escola e comunidade.

Foi realizado diálogo e colaboração com os envolvidos: estabelecendo um diálogo contínuo entre ex-alunos, professores e membros da comunidade, envolvendo-os no processo de seleção das imagens e obras a serem expostas, buscando diferentes perspectivas e experiências para enriquecer o resultado da pesquisa.

Ao pensar a montagem da exposição, planejando a disposição das imagens e obras no espaço da exposição, levando em consideração os diálogos entre as produções e imagens, buscando estabelecer conexões visuais e narrativas

entre as diferentes partes da exposição, de modo a estimular a reflexão e a catarse nos espectadores.

A ideia era fazer com que a exposição se transformasse em um local de trocas, onde haveria pessoas de pelo menos três gerações, abrindo a possibilidade de reconhecer no outro um pouco da própria história.

Incentivando a participação ativa dos espectadores por meio de atividades interativas, como contribuições escritas ou visuais sobre as obras, murais de memórias, gravação de depoimentos em áudio ou vídeo, entre outras formas de expressão.

A partir do registro e documentação, realizando o registro e a documentação de todo o processo da exposição, desde a coleta de imagens e produções até a interação dos espectadores. Isso inclui fotografias, vídeos, depoimentos e anotações que permitirão a preservação das memórias e a análise posterior da experiência vivenciada.

Realizando a análise e a reflexão. Ao final da exposição, será realizada uma análise a partir das experiências construídas, tanto para os espectadores quanto para os envolvidos no processo.

3 ESCOLA COMO MEMÓRIA

Tendo como principal fonte de pesquisa o Projeto Político Pedagógico da escola Pascoal Meller, para onde voltaremos nossos olhares, trago a contextualização histórica da comunidade e da escola, para conectar com esses dois espaços, dialogando, cruzando e os ligando em muitos aspectos.

Figura 1- Visão da EEMF Pascoal Meller



Fonte: Registro no *Facebook* da escola Pascoal Meller. (Disponível em: https://www.facebook.com/emeief.pascoalmeller.3/?paipv=0&eav=AfY0a7x76og39eXfUtqx6ht3wm3C6ktzvLgNZsjh4CH3uFiGf8xqi8bpb5MPLKkHQHE&_rdr. Acesso em : 22 de outubro de 2023).

Figura 2 - Primeira construção da escola Pascoal Meller



Fonte: Acervo da escola. (Acesso em: 24 de outubro de 2023).

O bairro Santa Augusta, em Criciúma, antes de ser ocupado, era uma área de terra com mata virgem.

As famílias fundadoras vieram da Itália, entre os imigrantes que aqui chegaram estavam as famílias Meller, Biléssimo, Venson, Dário, Ortolan, Simão e Just, que escolheram um local próximo ao rio para se instalar, pois a água era cristalina e a terra boa para o plantio.

Os filhos dos colonizadores deslocavam-se do Bairro Santa Augusta para o bairro Rio Maina onde frequentavam uma escola cujo idioma era o italiano, isso gerava transtornos e dificuldades para os pais e as crianças, surge, então, a necessidade da criação de uma escola na localidade.

Os imigrantes colonizadores criaram uma pequena escola para ensinar seus filhos a lerem e escrever. Por volta de 1920 foi criada a primeira escola, que recebeu o nome de Escola Pública Estadual de Santa Augusta, atendendo em média de 40 a 45 alunos, cuja professora a Senhora Laurinda Coelho Pereira – Dona Lili, vindo de Florianópolis, lecionando até 1936, muito querida por todos da comunidade.

Após este ano a escola foi transferida para as margens da Estrada Geral no Bairro Santa Luzia e em 1940 com o surgimento e fortalecimento da mineração

de carvão no Bairro Santa Augusta, aumentou o número de operários e moradores do bairro, os quais possuíam filhos já em idade escolar, resolveram, então criar uma sala de aula, lecionando nesta época a professora Adília Cardoso Fernandes.

Em 1942 tornou-se Escola Mista Particular, mantida pela carbonífera do senhor Ernesto Lacombi, com o término da mineração, a escola passou a funcionar na casa da professora, sendo mantida pela Prefeitura de Criciúma. Com o aumento de alunos houve a necessidade de uma escola maior, por esse motivo, os Srs. Pedro Milanez e João Zanette doaram um terreno para construção de uma nova escola. Na época, a Prefeitura não tinha verbas para a construção, então o Sr. Pascoal Meller comprou os materiais e construiu com recursos próprios a nova escola.

Por motivos legais a escola mudou sua nomenclatura diversas vezes, já tendo sido chamada de Escola Mista de Santa Augusta, Escola Mista Municipal Pascoal Meller, em homenagem a quem muito trabalhou na construção da mesma, foi transformada em EERR Pascoal Meller.

Em janeiro de 1978, foi iniciada a construção do prédio novo. No dia 20 de junho de 1979, inauguramos a escola. O decreto nº SE 073/82, de 29 de junho de 1982 transformou o nome da escola que passou a chamar-se Grupo Escolar Pascoal Meller; Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pascoal Meller – E.M.E.I.E.F., que atende alunos de 04 anos (quatro) e 06 (seis) anos, de Educação Infantil, bem como anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Em dezembro de 2020, as escolas municipais de Criciúma passam a ser identificadas como Escola Municipal de Educação Básica (E.M.E.B).

A comunidade na qual a Escola Pascoal Meller está inserida faz parte da área urbana, com fácil acesso ao Posto de Saúde e ao CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, mercados, farmácias, comércio local, centro comunitário e universidade. Atende aproximadamente 400 famílias, algumas em vulnerabilidade social e com crescente aumento de estudantes estrangeiros. Poucos utilizam transporte público, a maioria vem a pé, de bicicleta ou de carro.

Figura 3 - Desfile cívico do Grupo Escolar Pascoal Meller



Fonte: acervo pessoal.

A escola e a comunidade cresceram e evoluíram juntas, por elas passaram muitas pessoas que deixaram suas marcas, uma delas, Lucíola Gomes, uma ex-diretora, ainda professora atuante na escola há 24 anos, se transformou em uma fonte de pesquisa para minha escrita, relacionando cada questão com recortes do livro: “Esperando não se sabe o quê - sobre o ofício do professor”, do escritor Jorge Larrosa, as cinco questões foram respondidas em um depoimento sensível e pessoal, traduzindo em palavras um olhar apaixonado pela profissão, mas também pelas vidas que coexistem dentro da escola e na comunidade. “Contar um pedaço da própria vida é, ao mesmo tempo, dar conta e dar-se conta dela” (LAROSSA, 2018, p. 359).

Você pode contar sobre sua primeira experiência ao chegar à escola como diretora? Como se sentiu ao assumir esse papel?

Bem, o processo para me tornar diretora veio de uma ansiedade em querer mudar algumas coisas que enxergava na escola já há alguns anos. Vínhamos numa linha sucessória de professores mais velhos para assumir o cargo (para os que desejavam tal cargo) e no meu caso veio à vontade e a necessidade (passaria para uma carga horária de 40h). Sem ter passado anteriormente por nenhum cargo na secretaria de uma escola, cheguei “nua e crua” somente com muitos sonhos na cabeça. O nervosismo fazia parte, mas nunca imaginei o tamanho, que me levou no primeiro dia estar passando mal de tão nervosa que estava. Tinha ficado

com a equipe que já estava a tempo na secretaria da escola, o que me trouxe segurança, apesar do nervosismo de iniciante, rrsrs.
Fui bem aceita e recebida por todos, abri meu coração desde o início e brincava com todos que o meu sonho seria “ficar lendo a coluna do jornal”, o que nos sete anos de gestão frente à escola Pascoal Meller nunca consegui fazer.

Um dos grandes desafios da minha vida estava por iniciar e eu nem fazia ideia de quanto eu iria aprender.

Figura 4 - Ato cívico em frente a EMEF Pascoal Meller



Fonte: acervo pessoal.

Que a obrigação dos professores é tirar as crianças de “seu” mundo e de “sua” língua e introduzi-las no mundo e na língua comum, e que isso não tem que significar necessariamente que seja necessário desprezar ou diminuir o mundo e a linguagem das crianças (e sua comunidade) (LARROSA, 2018, p. 371).

Ao falar desse início em sua carreira que já se consolidava, penso em todas as pessoas que por lá passaram, ex-alunos que viviam na comunidade, que ainda tinham alguma ligação com a comunidade escolar, e esperavam um pouco mais do que a escola tinha para oferecer, uma nova diretora, novos tempos que chegaram.

Figura 5 - Professora Lucíola na antiga sala de artes



Fonte: acervo pessoal.

Quais foram os principais desafios que a escola enfrentou quando foi estabelecida na comunidade? Como a escola e a comunidade superaram esses desafios juntos?

A escola tem um histórico que seu surgimento veio por uma necessidade da própria comunidade.

A escola surgiu para servir aos filhos de mineiros que moram na região, pois não havia nenhuma escola por ali. Numa casa simples de madeira que ficava em frente à igreja católica, foi então criada uma sala de aula multisseriada para atender a necessidade da comunidade que ali residia. Mas ainda era necessário terem uma escola... e a comunidade foi se mobilizando e se articulando para isso. Até que, seu Pascoal Meller, que tinha uma filha, que se formava no magistério e precisava lecionar, fez com que um acordo entre a prefeitura (na época) e ele mudasse completamente a história da educação no Bairro Santa Augusta. Doou o terreno para que fosse erguida a escola e em troca sua filha teria onde lecionar. E a partir daí os desafios começaram, mas a comunidade do Santa Augusta sempre se mostrou muito unida às necessidades da escola.

A escola foi criada em prol a uma necessidade da comunidade, para que as famílias pudessem se estruturar naquele espaço, sem grandes locomoções para a escolarização das crianças e dos jovens que ali viviam. Poder viver e estudar no

mesmo espaço certamente trouxe muitas facilidades e conforto para todas as famílias, que criaram raízes no bairro Santa Augusta.

Mesmo que aqui o intuito seja o estudo das relações entre a escola e a comunidade, percebo o quanto as periferias são atingidas pelas “facilidades” do cotidiano, fazendo com que os alunos se fixem no lugar onde futuramente será também oferecido o seu emprego. A relação entre a escola, a família e a fábrica é também um assunto do pesquisador e escritor Larrosa: “a escola é um espaço público apenas para constituir um espaço distinto tanto do lar (e da comunidade natal) quanto da fábrica” (LARROSA, 2018, p. 372).

A escola é autêntica em sua formação, criando espaços para que a evolução dos habitantes da escola seja livre, não podendo ser suplemento ou uma extensão da fábrica, ou subordinada a uma verdade criada pela comunidade, a escola tem o dever de diferenciar-se da família e da fábrica, sendo espaço de aprender a aprender. Assuntos que sejam de interesse apenas da educação.

A escola aparece quando uma sociedade decide que há coisas que são feitas e aprendidas em casa, com as coisas que existem em casa, claro que sim, que há coisas que são feitas e aprendidas na praça ou no mercado, com coisas que há na praça ou no mercado, claro que sim, ou que são aprendidas no trabalho, claro que sim, porque isso de fazer e de aprender, e de aprender fazendo, é algo que ocorre em muitos lugares, é algo que se faz com muitas coisas e de muitas maneiras, mas que existem coisas que só são feitas e aprendidas na escola, com as coisas que estão na escola, à maneira da escola (LARROSA, 2018, p 237).

Como você se adaptou inicialmente ao trabalhar com uma comunidade que talvez fosse diferente de onde você cresceu? Como você via a comunidade naquela época, e como a vê hoje?

Iniciei meu trabalho como professora de Arte na Escola Pascoal Meller no ano de 2000. Era tudo novo para mim, vim de Florianópolis e quando vi estava eu aqui em um bairro da periferia de Criciúma. Tive muitas dificuldades no início, até pelo próprio linguajar que eu tinha e era diferente para eles aqui. Aos poucos fui conhecendo os hábitos e a cultura local, assim como os anseios da comunidade.

Sempre achei que a criatividade e a vontade de conhecer as coisas faziam parte desse “DNA”.

Hoje cada vez mais percebo o quanto o bairro evoluiu, não somente no aspecto infra estrutural, mas as pessoas aqui também buscaram o conhecimento. Tenho muito orgulho dessa comunidade que me recebeu de braços abertos e ainda hoje após 24 anos convivendo aqui eles ainda me tratam com muito carinho e o aprendizado é uma constante.

“Alguém se lembrou entre a palavra e a leitura do mundo, e que uma e a outra não podem ser separadas, porque então teremos palavras sem o mundo, ou um mundo sem palavras” (LARROSA, 2018 p. 369). Trazer o olhar para um novo

começo, faz ser mais clara a distinção dos valores e dos desejos, a comunidade esperava tanto dela quanto ela da comunidade surgindo dali um novo diálogo cheio de interesse em comum.

Qual é a percepção da comunidade em relação à escola? Como a escola é valorizada e tratada pela comunidade? E, inversamente, como a escola enxerga a comunidade em que está inserida?

A comunidade sempre respeitou e valorizou muito a escola, ela faz parte do bairro e da história de vida dos que aqui habitam. Ela é uma continuidade de pai para filho. Hoje já estou dando aula para os filhos dos meus alunos. Temos também professores que foram ex-alunos da nossa escola e os estagiários muitos também foram ex-alunos. Esse movimento faz com que eu perceba o elo que a escola tem com todos aqui. A escola também sempre teve uma ligação muito forte com a comunidade, chegando a tratá-la como “família Pascoal Meller “. O respeito e a admiração são mútuos aqui.

Sem precisar transgredir ou se moldar para caberem uma na outra, a escola e a comunidade se uniram para a evolução da totalidade, econômica, social e educacional.

As gerações que passaram pela escola a transformaram no que ela é hoje, como se “Como se a escola para ser igualitária tivesse que falar a língua das crianças, e sobretudo, as línguas das comunidades em que está inserida” (LARROSA, 2018, p. 369).

Para entender melhor como a escola influenciou a comunidade ao longo do tempo, quais benefícios você acredita que a escola trouxe para as pessoas que vivem aqui?

Hoje depois de 24 anos trabalhando no Pascoal Meller posso dizer que a escola ainda é o melhor local para crianças e adolescentes. Estudar vale a pena! Esses anos me mostraram que a educação se transforma. Infelizmente ainda não atingimos 100% das nossas crianças e adolescentes, mas, com certeza, ela faz a diferença. Acompanho a vida dos meus ex-alunos e tenho muito orgulho do que eles se transformaram, às vezes nem acredito que a grande maioria venceu os obstáculos de ter vivido e estudado em um bairro da periferia, e numa escola pública.

A escola se molda a partir da pessoa que está aluno, aceitando suas palavras, histórias e vivências.

Durante minha pesquisa ouvi muitos relatos, mas foram as histórias do dia a dia contratadas de forma informal pelos funcionários e alunos, que fez crescer minha vontade de pesquisar a fundo essa relação escola-comunidade, cabe ressaltar o pensamento “Uma língua inclui uma pluralidade de usos, de registros, de línguas dentro da língua e que a escola deveria trabalhar com todas elas e acima de tudo, entre elas” (LARROSA, 2018, p. 369).

Entender as demandas do público-alvo para a existência de uma troca importante de vivências entre a comunidade e a escola, é uma das mais importantes ações que podemos usar para uma aproximação sincera.

Em uma certa parte do livro do Larrosa, ele fala da história de uma professora que ensinou adultos da África a ler e escrever, ao final da formação lhes deu de presente um livro com as histórias que eles mesmo contaram sobre suas vidas e que nunca antes havia sido escrita. E como resposta além dos agradecimentos eles responderam que aquelas histórias eles já sabiam, que aprenderam a ler para conhecer as histórias de outras pessoas. Que ela levasse as histórias daquela comunidade aos brancos, para que eles também conhecessem suas memórias. Assim deve ser a escola, o lugar onde pode-se conhecer muitas histórias que nunca ouvimos falar, que estão distantes da nossa realidade podendo se aproximar através do estudo, aprendendo também a contar sobre as próprias vivências, vitórias e derrotas, espalhando tudo pelo mundo e sendo livre e tendo oportunidade para aprender.

4 O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE A ESCOLA

“Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1956). Ao pensar a escola de uma forma coletiva e mista, fui fragmentando componente por componente, pensando separadamente e percebendo como cada peça se encaixa e deixa espaço para outra, com uma fluidez perfeita. O elo principal entre a escola e a comunidade são os alunos - o indivíduo como testemunha e prioridade. O detentor das memórias centrais dessa pesquisa.

Dialogando com as ideias da autora Katia Canton crio cinco perguntas para nortear a escrita dos ex-alunos que se disponibilizaram a me ceder suas memórias em forma de texto¹. O olhar individual de cada um sobre um mesmo assunto\lugar\espaço, transforma todas em possíveis respostas, mas nem uma delas pode ser interpretada como verdadeiramente certa ou errada, existindo pelo simples fato de ser lembrada, como uma obra de arte que existe para ser sentida e transmitida, mas que se desprende de uma conclusão absoluta.

Ao falar dos desdobramentos entre a arte contemporânea e o mundo atual, Katia cita:

Hoje a arte faz por si só essa aproximação, misturando cada vez mais questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias: O corpo, a poética, a ecologia, a ética, as imagens geradas na mídia etc. (CANTON, 2009)

Tudo que precisamos é da sensibilidade do olhar; se nós voltamos para a escola com essa ferramenta de captura – (os olhos), faremos esta mesma ligação, a escola e a comunidade se relacionam naturalmente e naturalmente se completam. É esse olhar que eu procuro nos relatos dados pelos ex-alunos.

¹ O questionário foi enviado para três ex-alunos e dois deles me retornaram, ficando apenas um questionário para trás sem respostas. Por necessidade, as perguntas foram enviadas via *WhatsApp* e respondidas pelo mesmo aplicativo, diminuindo a interatividade, mas acreditando ser a forma mais eficiente de obter respostas reais, uma vez que os participantes se sentiriam mais à vontade para responder neste formato.

Figura 6 - Alunos na antiga quadra da escola



Fonte: Acervo da escola. (Acesso em: 24 de outubro de 2023).

Entrevista com ex-aluno n1 e n2:

1 - Pense em como se sentia em relação à escola; sobre seus espaços, os cheiros, a comida, o barulho. Como esse ambiente fazia você se sentir?

Sempre gostei de estudar no Pascoal Meller, foi um lugar muito acolhedor para mim em vários momentos da minha vida. Lembro do cheiro das salas de aula e o lanche era muito gostoso, a agitação era inevitável quando a Albertina anunciava que teria cachorro-quente. (n1)

Sempre gostei da escola, lembro que antes de estudar adorava brincar de escolinha, depois que entrei sempre falei que queria ser professora igual a prof. de matemática pela atenção, pelo amor dela de dar aula, pelo jeito que tratava os alunos, cada lugar da escola tenho lembranças boas, cada vez que passo por algum lugar dentro da escola vem um filme na cabeça. (n2)

Figura 7 - Ampliação e revitalização das salas de aula e quadra da escola



Fonte: Acervo da escola. Acesso: 24.10.2023

“Essa legião de anônimos, esse mundo de aglomerados, é, afinal, nosso próprio espelho, e nele se refletem inúmeras facetas. É a síntese da nossa história, torta e repugnante, emocionante e inesperadamente bela” (CANTON, 2009, p 22).

As histórias contadas aqui por esses ex-alunos, pessoas comuns, com vidas comuns, mas que se encaradas por um olhar sensível e poético, transforma-se em um material artístico, usado para desmistificar o modo mecânico de como se vê e o modo como se lembra de uma memória.

2 - Como a escola está presente na sua vida hoje?

Depois de muitos anos fora da escola me afastei, fui morar em outras cidades e depois em outro estado. Continuo acompanhando os professores nas redes sociais, isso me faz ter lembranças nostálgicas do tempo que eu estudava lá. (n1)

A escola está presente na minha vida desde sempre, devido a profissão e minha vida pessoal. (n2)

Figura 8 - Primeira construção de alvenaria para cede do Grupo Escolar Pascoal Meller.



Fonte: Acervo da escola. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

As palavras: Espaço e Lugar, não tem o mesmo significado, são singulares. Segundo o pensamento do sociólogo Giddens (1991):

A palavra “espaço” é usada genericamente, enquanto “lugar” se refere a uma noção específica do espaço: Trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo (GIDDENS,1991).

A escola, também sendo um desses lugares, traz referências e ajuda a criar raízes, reconhecendo o que está ao seu redor como coisas de afeto, uma janela para o mundo, como quando se é criança, e em um passeio de carro admira lugares que sonha conhecer..., mas é principalmente onde criamos asas e alçamos voos para desbravar novos horizontes, conhecer o mundo e o jeito de olhar para ele.

3 - Sob o seu olhar atual, quais mudanças podem ser destacadas entre a “nova” e a “velha” escola?

Por ter me afastado não tenho uma opinião formada da “nova escola”, mas confesso que comemorei quando soube da conquista da quadra. Era um projeto antigo, foi muito desejado e que foi muito difícil de conseguir. (n1)

Acredito que as mudanças entre antigamente e atualmente é devido a tecnologia, as melhorias no ensino, qualificação dos professores, os métodos de ensino. (n2)

Figura 9 - Matéria de jornal



Fonte: Acervo da escola. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

A forma como os ex-alunos vêem a escola se transformou em uma projeção misturada com lembranças do passado, já não é apenas o olhar para a antiga escola, é também uma nova perspectiva, com outras muitas experiências vinculadas. Como se tudo o que já se vivenciou viesse junto com a antiga memória, combinando sensações e criando uma um novo sentimento para a respectiva lembrança.

Quando Canton (2009) fala sobre abstração e as formas de interpretação, reconheço no ato de lembrar este mesmo potencial para “associações com as bagagens da história pessoal, da memória” (CANTON, 2009, p 22).

Percebendo as ligações e vivências em tudo que se lembra, trazendo para os seus significados essa reflexão entre o atual e o passado e finalmente criando um novo modo de recordar.

4 - Em algum momento a escola foi além de um espaço de formação e se transformou em um lugar afetivo? Você tem lembranças positivas das suas aulas?

Em um determinado ano em que estudei no Pascoal Meller minha mãe adoeceu e precisei “ficar aos cuidados” da escola. A professora Cláudia praticamente me adotou. Fiz várias refeições na escola e os professores fizeram uma força tarefa para me ajudar a passar por esse período. Me senti muito acolhido e amado, era a ajuda que eu precisava naquele momento. (n1)

Com certeza, criamos uma família, amizades que levamos para a vida, os professores que tenho um carinho enorme. Sim, hoje com mais idade vejo que as aulas ajudaram no meu desenvolvimento. (n2)

Figura 10 - À esquerda, antiga sala de artes de madeira



Fonte: Acervo da escola. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

Falar de memórias do passado é ressignificar o que já foi vivido, e certamente o momento e o lugar em que o fato se passou faz toda a diferença. Estes ex-alunos foram inseridos em uma escola que sempre foi um lugar de acolhimento na comunidade, por isso lembrar de momentos difíceis pode ser significar um ato transformador em suas lembranças.

A escola foi acessível e acolhedora em momentos não pedagógicos, possibilitando a inclusão de alunos que estariam longe da escola por motivos pessoais, a escolher ficar mais próximo, fortalecer e estreitar os laços, nos levando de encontro às ideias de Katia Canton, “[...] instalava-se ali a possibilidade irreversível de subverter o próprio passado e de expurgar o indesejado através de uma nostalgia transformante (CANTON, 2009, p. 42).

Relatos como estes, impregnam a escola de afeto, mostrando a versão mais humanizada de um programa feito para alfabetizar, distanciar da família e do campo de trabalho, mas que nunca estará separado efetivamente. É essa costura transformadora, que transforma o individual em coletivo, faz crescer e evoluir toda a comunidade escolar e local.

5 - Enquanto aluno, você conseguia identificar arte e cultura dentro da escola? E atualmente?

Recentemente tive a oportunidade de visitar o MALBA e quando fiquei de frente para o Abaporu lembrei imediatamente da professora de artes Lucíola.

Dentro dos recursos da época, que não eram muitos, ela conseguiu trazer cultura e arte para minha vida. Tenho certeza de que toda a criatividade que carregou comigo iniciou nas suas aulas. (n1)

Sim. Arte e cultura iam além das aulas de arte. (n2)

Figura 11 - Primeiro aumento nas salas de aula da escola de alvenaria.



Fonte: Acervo da escola. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

Tudo que se lembra passa por nosso senso afetivo, todas as memórias que tivemos na infância ou no decorrer das nossas vidas, são vinculadas hoje ao modo como se lembra.

As experiências vividas na escola trazem consigo uma importante bagagem emocional, fazendo com que certas experiências transformem alunos em professores, pelo alto nível de identificação e conexão com a abordagem, mas pode também afastar o aluno para sempre da sala de aula.

A não identificação com a comunidade escolar pode dificultar muito a experiência que precisa ser vivida, e penso nisso de uma forma ampla: falando de pessoas que não conseguem ter o mesmo acesso a todas as partes da escola,

podendo ir de uma rampa de acesso ao lanche inadequado para cada um, a necessidade de entrar cedo no mercado de trabalho para auxiliar nas despesas mensais da família, que tira o aluno da escola muito antes do previsto, a falta de acesso a material escolar ou ao uniforme escolar que em muitos casos precisa ser comprado, entre muitas outras barreiras que distanciam o aluno da escola.

Estes dois ex-alunos passaram por momentos diferentes dentro da escola, mas seus relatos são igualmente agradecidos por tudo que viveram lá. Eles falam da escola como um espaço que os ouviu e deu voz, que ensinou e incentivou a sonhar e principalmente encorajou a realizar.

“O tempo da memória, afinal, não é apenas o tempo que já passou, mas o tempo que nos pertence” (CANTON, 2009, p. 58). De fato, nossas memórias nos transformaram no que somos hoje, porque moldam nossas vidas a todo tempo. E assim seguiremos até o fim da existência humana, nos momentos felizes e tristes, dentro e fora da escola, na aula de artes, de matemática, no momento do lanche, com pessoas, objetos materiais, músicas, cheiros, gostos, tudo fica afetuosamente guardado na memória.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

É preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento das suas necessidades. Ouvir o que já não é audível. Então recompomos o vaso e o reconheceremos. (BOSI, 1998, p. 414).

Reconheci nessa pesquisa muito mais paixão pelo tema, falar da escola é falar de uma fase da vida que para mim foi inspiradora, mas viver a escola hoje é um ato de resistência. ser a pessoa que é seguida (professora) é diferente de ser um seguidor (aluno). As responsabilidades e desejos de acertar se confundem com a pessoa por trás da causa.

Ter escolhido o método de pesquisa qualitativa para esse trabalho, permitiu que essa abordagem explorasse as experiências e memórias dos ex-alunos de maneira mais profunda e significativa, mesmo com respostas curtas e uma pequena quantidade de perguntas, a qualidade superou a quantidade, possibilitando o aprofundamento no tema.

Nas entrevistas destacaram-se as respostas relacionados às memórias afetivas da escola, como quando o ex-aluno n1 relatou sobre o problema de saúde que sua mãe enfrentou e o modo como a escola se encarregou de seus cuidados; à importância da escola na formação das identidades, pensando na resposta do ex-aluno n2 que falou sobre ter se imaginado como professora na infância e hoje poder realizar esse sonho que se construiu na escola, dentro da mesma, já que atualmente ela trabalha como monitora na escola Pascoal Meller; ou às mudanças ao longo do tempo na relação entre a escola e a comunidade que foi notada de uma forma positiva por todos os entrevistados, nas histórias e no jeito afetuoso como foram citadas.

Todas as respostas das entrevistas, seja com a professora ou com os ex-alunos falam de afeto e se relacionam com a minha pesquisa inicial sobre a escola como memória e essa conexão com a comunidade, me mostrando esse outro lado da escola, o lado “menos didático” para além dos muros escolares, que adentram as casas e as famílias que vivem naquela comunidade.

De fato, o olhar da escola sobre a comunidade se faz atencioso, preocupado, esteve e ainda está buscando melhorias e oportunidades que possam abranger não só o aluno ativo que frequenta a escola, mas também todos ao seu

redor, possibilitando um grande englobamento das necessidades que vem da comunidade.

Relacionando as conclusões das entrevistas com o Projeto Político Pedagógico da escola Pascoal Meller, destaco semelhanças entre as visões e metas da escola e as experiências dos ex-alunos.

A Dimensão Político-institucional do documento criado pela escola fala sobre a importância da boa relação entre escola e família:

É inquestionável que a participação da família contribui para a educação, e sob a ótica das mudanças ocorridas na sociedade que vem transformando gradativamente o modelo de família que conhecemos, neste cenário, a escola deve estar a par de tantas mudanças na família e só conseguirá fazê-lo se houver um contato mais próximo com o ambiente familiar conseguir atrair os familiares até o meio escolar. Essas várias transformações podem, por consequência, interferir negativamente nas práticas educacionais, por isso a escola precisa obter um amplo conhecimento a respeito da realidade das famílias que compõem a comunidade local. (PPP Pascoal Meller, 2023, p. 6)

A pesquisa destacou a importância que a comunidade escolar dá em compreender a realidade das famílias na comunidade local, como destaca a Dimensão Político-Institucional do Projeto Político Pedagógico.

Através das memórias dos ex-alunos, fica claro que a escola foi capaz de se adaptar às mudanças na sociedade, permanecendo relevante e ativa na vida da comunidade. Isso demonstra a capacidade da escola de servir como um ponto de convergência e interação entre a comunidade e a instituição de ensino, mesmo com as mudanças nas dinâmicas familiares.

Durante as entrevistas, ficou evidente o quão relevante e permanente foi a influência da escola em suas vidas, eles compartilharam histórias de memórias afetuosas, amizades formadas e a maneira como a escola se tornou um espaço significativo de suas vidas. Essas experiências estão intrinsecamente ligadas à comunidade escolar, mas também à relação da escola com suas famílias. Esses relatos destacam a importância de uma escola que vai além do ensino puramente acadêmico. Os entrevistados mencionaram como a escola, em sua época, desempenhava um papel ativo em envolver as famílias na vida escolar e mantê-las perto, independente da situação que estivessem envolvidas.

As memórias compartilhadas e as experiências pessoais dos ex-alunos foram utilizadas para fortalecer os laços entre a escola e a comunidade. Além disso, considerando como essa conexão pode ser um impulso para a transformação social, à medida que a comunidade se une em torno das memórias da escola, também as

aproxima enquanto comunidade, se fazendo apoio, encorajamento e motivadores entre si e para si.

6 PROJETO DE CURSO - MEMÓRIAS EM DIÁLOGO

6.1 EMENTA E CARGA HORÁRIA

A escola e a comunidade como propulsoras de experiências e motivações a partir da memória de ex-alunos no encontro com uma exposição de arte e carga horária de 20h.

6.2 JUSTIFICATIVA

A criação de uma exposição quer principalmente registrar de forma afetiva essa relação escola e comunidade, de uma forma a zelar e fortalecer essa união.

Nós estávamos quase todos reunidos. Pessoas do museu, amigos, co-curadores, colecionistas e, claro, curiosos. Leu-se um discurso e desde o espaço em que eu estava pude perceber a distração causada pelo gabinete [...]. A prega de quadros era impactante, todos se moviam, argumentam, adivinharam quem era. [...] as pessoas se tornaram espectadores ativos, davam as costas ao evento social que é uma inauguração. Ao momento de falar, eu afirmei que a coisa mais interessante do projeto acontece no momento em que ele é exposto, porque uma performance é gerada: na sala temporária do museu estavam reunidas pessoas que jamais se encontram, que jamais compartilham, que nem sequer se olham. (PEDRAZA, 2009, p. 27).

Como na experiência vivida por PEDRAZA (2009), reunir gerações e diferentes visões sobre a sociedade onde se está inserido, reafirmando a necessidade desta conexão, ter pistas que ligam o passado e o presente em uma mesma realidade irá criar uma áurea mágica sobre a escola e a comunidade, entendendo que essa conexão os aproxima e torna mais instigante a ideia desta exposição.

Imaginando a curiosidade e a inquietação tanto dos alunos quanto dos integrantes da comunidade, reforçando os laços entre eles, será uma experiência de descobertas e aprendizagem sobre si mesmo e sobre quem são os outros, dando sentido ao projeto.

O modo como a comunidade dialoga com a escola vai além, traz histórias de famílias inteiras que já passaram pela mesma escola, onde cresceram e estão vendo seus filhos crescerem neste mesmo ambiente. Segundo Fischer “a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade, como precisa ser construída, precisa tomar forma através da objetividade” (FISCHER, 1959, p. 14).

A relação entre escola e comunidade como destaca o autor, obrigatoriamente se faz nessa construção lenta, por um caminho onde já passaram várias histórias e vivências. Muitas famílias já estão a gerações dentro da escola,

além disso, muitas dessas foram construídas aqui; com frequência os professores relatam conhecer membros das famílias dos atuais alunos, por já terem lecionado para eles. A conexão já existe e sempre vai existir, basta reforçar os laços e fazer dessa ação o combustível para uma maior ligação, dando um novo olhar para a escola sobre a comunidade e fazendo com que a comunidade volte seu olhar para a escola. A razão de ser da arte nunca permanece inteiramente a mesma. "A função numa sociedade em que a luta de classes se aguça, difere em muitos aspectos da função original da arte" (FISCHER, 1959, p. 16).

Pensando no tempo e espaço que se encontram a escola e a comunidade, representam ideias de uma situação histórica particular. Neste mesmo momento em que vemos a evolução surgir com traços do que veio antes.

A escola ao compartilhar as produções, pesquisa e ideias com a comunidade, traz à tona diversas lembranças que permaneciam adormecidas ou eram dadas como apagadas da memória, sendo trazidas à luz e despertam para uma nova vida.

O projeto pretende englobar moradores da comunidade e alunos em uma grande e lotada exposição, enchendo o salão de exposições com lembranças antigas e atuais que remetem a escola, a arte e a cultura. E é pensando neste contexto que proponho a atividade a seguir.

6.3 OBJETIVOS

6.3.1 Geral

Proporcionar a experiência de interação entre a comunidade escolar e a comunidade local, trazendo uma ressignificação para a geração de alunos atuais da escola, mostrando a importância do diálogo entre as duas partes.

6.3.2 Específicos

- Criar um espaço de exposição, buscando estabelecer relações entre a escola e a comunidade.
- Proporcionar momentos para relatos e vivências que atravessam esses dois espaços.
- Compreender o potencial da aproximação entre escola, arte e comunidade.
- Enfatizar a necessidade de um diálogo constante entre a escola e a comunidade para uma educação mais significativa.

6.4 METODOLOGIA

A exposição contemplará todas as turmas da escola Pascoal Meller e a comunidade onde está localizada a escola, no bairro Santa Augusta, Criciúma, Santa Catarina, totalizando 20h distribuídos em 3 dias.

Primeiro dia: Coleta de objetos e imagens que os moradores e os alunos considerem arte, tendo em vista os pré-requisitos: As obras devem ter suporte suspenso, podendo serem expostas na parede ou penduradas na sala. Será realizada uma curadoria, onde serão escolhidas as obras e restauradas se necessário. Por último a catalogação de cada obra, com nome e data e qualquer tipo de observação que seja solicitada pela pessoa que está fazendo o empréstimo da obra.

Segundo dia: Montagem da exposição. As obras serão expostas de forma que cubram todas as partes das paredes, sobrando pouca ou quase nenhuma parte vazia, dando a sensação de preenchimento total do espaço.

Terceiro dia: Abertura da exposição para comunidade escolar e local, deixando que todos se sintam à vontade para andar e observar o local e todas as imagens que estão distribuídas pelo salão de exposição. Incentivar uma roda de conversa entre todos os presentes, para que exista a troca de experiências de modo que possa ser documentada, usando máquinas filmadoras e fotográficas para registro do projeto.

Orçamento: Ganchos, pregos, furadeira, martelo, fita dupla face, material impresso para divulgação, máquina fotográfica, caixa de som, iluminação. (Orçamento no valor de duzentos reais)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, mergulhei nas memórias e experiências de dois ex-alunos e uma ex-diretora, ainda atuante como professora da Escola Municipal de Ensino Básico Pascoal Meller, em Criciúma, SC, com o objetivo de entender a relação da escola com a comunidade e seu papel de transformação social. O foco em uma abordagem qualitativa revelou a riqueza das narrativas dos ex-alunos e professora, destacando a escola como um lugar de profunda conexão emocional e social. Essas memórias não só resgataram o passado, mas também lançaram luz sobre o presente e o futuro da escola.

As descobertas aqui relatadas demonstram que a escola não é apenas uma instituição de ensino, mas um local onde se forjam amizades duradouras e onde as experiências moldam a identidade dos que passam por lá. As histórias compartilhadas por todos os entrevistados ilustram a relevância contínua da escola na vida da comunidade. As experiências afetivas e as lembranças vívidas revelam uma escola que transcende sua função puramente acadêmica.

Ao relacionar todos os fatos documentados com o Projeto Político Pedagógico da escola, que enfatiza a importância da participação da família na educação e a necessidade de compreender a realidade das famílias na comunidade dentro de todas as suas configurações, percebo como a escola desempenhou um papel vital na conexão entre as famílias e a educação. Os entrevistados compartilharam histórias que demonstram como a escola foi capaz de criar um ambiente acolhedor, envolvendo as famílias e atuando como um ponto de encontro para diferentes configurações familiares.

É notável que, à medida que a sociedade evolui e as dinâmicas familiares mudam, a escola continua a ser um elemento unificador na comunidade. A capacidade da escola de se adaptar a essas mudanças e permanecer relevante é um testemunho de sua importância contínua na vida dos ex-alunos e na comunidade em geral.

Além de ser um local de educação, a escola é um local de memórias, histórias e aprendizado que ultrapassam as paredes da sala de aula. As entrevistas com os ex-alunos e com a ex-diretora permitiram a criação de uma ponte entre o

passado e o presente, mostrando como a escola está presente na vida deles hoje de um modo que vai além do acadêmico.

O projeto de criar uma exposição com base nessa pesquisa é uma iniciativa que pode ressignificar as vidas acadêmicas dos ex-alunos, fazendo-se exemplos para os atuais alunos, que buscam reconhecer na comunidade onde vivem, exemplos e motivações para seguirem na vida acadêmica, isso oferece a oportunidade de reconectar a comunidade com sua história e as memórias da escola. A exposição não é apenas um evento, mas um ponto de encontro, onde diferentes gerações podem se reunir e compartilhar suas experiências.

Neste contexto, a pesquisa demonstrou que a escola desempenha um papel fundamental na construção de comunidades fortes e na preservação das memórias coletivas. Ela é mais do que uma instituição de ensino; é um pilar da comunidade que molda a identidade dos ex-alunos e lhes proporciona uma sensação de pertencimento. A escola é, de fato, uma memória viva que continua a desempenhar um papel vital na vida das pessoas.

À medida que concluo esta pesquisa, é importante ressaltar que a escola como memória e sua relação com a comunidade são temas complexos e multifacetados. O que emergiu claramente é a capacidade da escola de se adaptar e evoluir ao longo do tempo, mantendo sua relevância e conexão com a comunidade. Esta pesquisa oferece uma visão mais profunda da importância da escola como um ponto de convergência emocional e social e como um agente de transformação social.

À medida que continuamos a explorar o papel das escolas em nossas vidas e comunidades, esta pesquisa serve como um lembrete de que as memórias da escola são lembranças vivas que não devem ser esquecidas. Elas nos unem, moldam nossas identidades e fortalecem nossa comunidade. A escola continua sendo um local de aprendizado, amizade e transformação social.

Agradeço aos ex-alunos e a ex-diretora que disponibilizaram tempo e compartilharam suas histórias e memórias, contribuindo para esta pesquisa. Esta jornada de descoberta não termina aqui, mas continua, pois, a escola e a comunidade seguirão escrevendo suas histórias em conjunto.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CANTON, Katia. Espaço e lugar. [S.I.]. [S.I.]. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CANTON, Katia. Narrativas enviesadas. [S.I.]. [S.I.]. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CANTON, Katia. Tempo e memória. [S.I.]. [S.I.]. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. [S.I.]. [S.I.]. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.
- GOMES, Aurélia L.; SCHERMA, Camila C.; MAIER, Lidiane R.; PERON, Lucélia; NEITZEL, Odair; PETRY, Oto J.; DAMBROS, Marlei; PASQUALLI, Roberta. **A escola e a cidade:** Políticas Públicas Educacionais. [S.I.]. [S.I.]. Tubarão: Copiart, 2016.
- KASTRUP, V., Da Escossia, L., & Passos, E. Pistas Do Método Da Cartografia. Porto Alegre: EDITORA MERIDIONAL LTDA, 2020.
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê:** Sobre o ofício de professor. [S.I.]. [S.I.]. São Paulo: Autêntica, 2018.
- LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles.** [S.I.]. [S.I.]. Recife: Editora Massangana, 2010.
- ROMERO, Jorge. **Coleção artística compartilhada e interligada:** Coleção Vicinal Caxias do Sul. [S.I.]. [S.I.]. Palíndromo, 2019.
- SOLER, N. A Rua Que Passa Pela Escola Leva A Escola Para A Rua. [S.I.]. [S.I.]. Universidade Estadual de Santa Catarina, 2014.